

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES - ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE TÉCNICAS E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

MARIANA SILVA RODRIGUES

O AUTISMO NO UNIVERSO DOS QUADRINHOS

RIO DE JANEIRO

2022

Mariana Silva Rodrigues

Licenciada em Desenho - UFRJ, 2020

O autismo no universo dos quadrinhos

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Especialização de Técnicas e Representação Gráfica, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista de Técnicas e Representação Gráfica.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wyllie Lacerda Rodrigues

Rio de Janeiro

2022

Silva Rodrigues, Mariana

O autismo no universo dos quadrinhos / Mariana
Silva Rodrigues. -- Rio de Janeiro, 2022.

32 f.

Orientador: Daniel Wyllie Lacerda Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Técnicas de Representação Gráfica,
2022.

1. Autismo. 2. Quadrinhos. 3. Comunicação. I.
Wyllie Lacerda Rodrigues, Daniel, orient. II. Título.

Folha de Aprovação

MARIANA SILVA RODRIGUES

Licenciada em Desenho - UFRJ, 2020

O autismo no universo dos quadrinhos

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Especialização em Técnicas de Representação Gráfica, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de ESPECIALISTA DE TÉCNICAS E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2022.

Membros da Banca Examinadora:



Daniel Wyllie Lacerda Rodrigues, Doutor, UFRJ.



Marcelus Gato Silveira de Senna, Doutor, UFRJ.



Maria Helena Wyllie Lacerda Rodrigues, Doutora, UFRJ.

Este trabalho é dedicado a Jurandir Guilherme e Haroldo Paixão (*in memoriam*), que infelizmente se transformaram em luz deixando saudades, mas também as lembranças de todos os momentos bons que levaremos para sempre, e às demais vítimas da Covid-19 e seus familiares.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por toda força, proteção e saúde nesses meus anos de vida.

Agradeço aos meus pais e irmão por toda contribuição nos meus estudos e por não me deixarem desistir.

Aos meus grandes amigos que, mesmo longe devido à pandemia, nunca me negaram uma palavra de carinho e apoio. Vocês fizeram a diferença!

À minha psicóloga que sempre se dispôs a me ajudar e incentivar durante esse período.

Aos meus colegas e professores da graduação, meu muito obrigada por terem me ajudado nessa jornada de autoconhecimento e afirmação de minha vocação profissional, especialmente os docentes Aurélio Mendes Nogueira, Mariane Azevedo e Wilson Cardoso Junior que foram os meus maiores exemplos e fontes de inspiração.

À turma de Especialização, que demonstrou um incrível senso de união e determinação, em particular o meu querido Anderson, a quem eu tenho uma gratidão enorme e um carinho maior ainda, à Barbara, minha querida “mentora” e à Rafaela, que me acompanha desde o início da graduação com sua alegria e amizade.

Aos professores de Especialização que se esforçaram e se reinventaram nessa pandemia fazendo com que esses dois anos fossem de grande aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Ao meu orientador, o professor Daniel Rodrigues, que, desde a graduação, foi minha grande influência no Desenho Geométrico e que, na Especialização, compreendeu e confiou no meu trabalho. Serei eternamente grata por ter compartilhado seu tempo e sabedoria comigo!

À UFRJ e a todos que nela trabalham e fazem o possível e o impossível para que essa Instituição permaneça de pé.

RESUMO

Rodrigues, Mariana Silva. **O autismo no universo dos quadrinhos**. Monografia de Pós-Graduação “Lato-Sensu” - Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho teve por objetivo averiguar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, como os Quadrinhos colaboram com a socialização e comunicação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e teve início após a experiência da autora, durante o estágio obrigatório da graduação de Desenho na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com um aluno que acreditava-se ser autista. Isso acabou despertando o interesse em pesquisar sobre o Autismo, porém a escassez de material relacionado ao tema foi o que acabou justificando essa pesquisa.

Palavras-chave: Autismo, Quadrinhos, Comunicação.

ABSTRACT

Rodrigues, Mariana Silva. **O autismo no universo dos quadrinhos**. Monografia de Pós-Graduação “Lato-Sensu” - Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The present work aims to investigate, through a bibliographical research, how Comics collaborate with the socialization and communication of people with Autism Spectrum Disorder (ASD), and it began after the author's experience, during the mandatory internship of the Drawing degree course at the Federal University of Rio de Janeiro, with a student who was believed to be autistic. This ended up arousing interest in researching Autism, but the scarcity of material related to the topic was what ended up justifying this research.

Keywords: Autism, Comics, Communication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
CAPÍTULO 2	17
CAPÍTULO 3	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página 6 do livro “Nori e Eu” (versão francesa)

Figura 2 - Predominância da cor cinza em “A diferença invisível” (página 9)

Figura 3 - Predominância da cor vermelha em “A diferença invisível” (página 15)

Figura 4 - Predominância da cor azul em “A diferença invisível” (página 162)

Figura 5 - Verde e amarelo aparecem mais em “A diferença invisível” (página 170)

Figura 6 - Exemplo da característica de hiperfoco em “Humor Azul” (página 53)

Figura 7 - Exemplo do apego à rotina em “Humor Azul” (página 79)

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento neurológico que, geralmente, se apresenta desde a primeira infância. Suas principais características são déficits na comunicação e interação social.

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (2013), feito pela Associação Americana de Psiquiatria, classifica os distúrbios do Autismo como um espectro por se apresentarem em diversos níveis de intensidade, acometendo a criança em seu período de desenvolvimento, antes mesmo de ingressar na escola.

Contudo, apesar do que se divulga sobre o Autismo há mais de 70 anos, a escassez de informação ainda é considerável. Por se tratar de um espectro, existem muitas especificidades que ainda precisam ser estudadas, e a falta de conhecimento dificulta o diagnóstico e, conseqüentemente, o tratamento.

OBJETIVOS

1.1 - Objetivo Geral

O presente trabalho teve por objetivo investigar como os quadrinhos podem atuar como uma ferramenta de conscientização e educação sobre o Autismo e como eles podem colaborar com a socialização e comunicação de pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo.

1.2 - Questões de Estudo

- Quais as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA)?
- Quais materiais têm sido produzidos para conscientizar e educar a sociedade sobre o tema?
- Quais desses materiais foram produzidos por familiares ou pelos próprios autistas?
- O que expressam os autores sobre o tema e como se apresentam as narrativas?

JUSTIFICATIVA

A preocupação em compilar materiais gráficos, que abordam esse tema, para mostrar as possibilidades de utilizar a representação gráfica para isso estimulou e inspirou a investigação realizada nesta monografia.

METODOLOGIA

Durante a elaboração do trabalho em questão, foi decidido que a pesquisa seria do tipo descritiva, tendo em vista a limitação de trabalhos disponíveis que ilustram o Autismo e que promovam a participação igualitária de todos na sociedade.

CAPÍTULO 1

O Transtorno do Espectro Autista é o diagnóstico inicial para a pessoa que apresenta déficit na comunicação social, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo. Trata-se, portanto, de uma síndrome que abrange o desenvolvimento neurológico em diversos aspectos.

De acordo com Temple Grandin (2015), o diagnóstico de Autismo foi primeiramente proposto por Leo Kanner em 1943. O psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos foi responsável por um estudo no Hospital John Hopkins, dos Estados Unidos, na ala de psiquiatria infantil, onde acompanhou e observou onze crianças. Mais tarde, por meio de um artigo de nome "*Autistic Disturbances of Affective Contact*"¹ (Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo) (1943), Kanner descreveu que essas crianças partilhavam indícios do transtorno, como a necessidade de isolamento intenso desde muito novas e deficiência intelectual, por exemplo. (KANNER, 1943 apud GRANDIN, 1981)

Já em 1944, com o trabalho intitulado "*Psicopatia autista da infância*", o também psiquiatra austríaco Hans Asperger, influenciado pelos estudos a respeito da esquizofrenia e transtornos de personalidade, descreveu a rotina de quatro crianças que apresentavam dificuldades para se socializar e verificou que os meninos tinham uma tendência maior a apresentarem esse tipo de comportamento (ASPERGER, 1944 apud WING, 2015). Menos de 10 anos depois, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) publicou o primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (1952), o DSM-I. Nele, o Autismo era considerado como um subgrupo de esquizofrenia infantil, e não um caso específico. Em 1994, na quarta edição do Manual, o Autismo ficou caracterizado como um Transtorno Global de Desenvolvimento, tendo associações com déficit cognitivo. O DSM-V (2013), por sua vez, conceitua o Autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento e reúne o Transtorno Autista, Transtorno de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento em uma única categoria: Transtorno do Espectro Autista, apresentando níveis de gravidade variados de acordo com cada caso.

Os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão

¹ Leo Kanner, "Autistic Disturbances of Affective Contact", *Nervous Child* 2 (1943): 217-50

de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de construir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados. (DSM-V, p.42)

Os indicadores de gravidade ajudam na análise detalhada dos sintomas de cada paciente, sabendo que, de acordo com o contexto e/ou tempo, o nível de gravidade pode variar. Separado em três categorias, considera-se Autismo *nível 1* aquele em que o indivíduo está **exigindo apoio** - “a pessoa consegue falar frases completas mas apresenta falha na conversação com os outros”; O *nível 2* indica que a pessoa está **exigindo apoio substancial** - “uma pessoa que fala frases simples e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha”; E o *nível 3*, o mais grave, quando está **exigindo apoio muito substancial** - “uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações”.²

Os sintomas do Autismo geralmente se manifestam após os primeiros seis meses de vida da criança e antes dos três anos. São identificados alguns traços de alteração neurológica e de desenvolvimento .

Estudos³ mostram também que algumas pessoas com esse transtorno possuem deficiência na área de percepção visual e que as maiores alterações são as que dizem respeito à profundidade e noção de espaço (visão 2D, visão dupla e deformação de tamanho e movimento). Tais distorções podem, ocasionalmente, trazer dificuldades na compreensão do limite físico e na relação do seu corpo com o espaço, assim como em jogar ou pegar objetos ou, até mesmo, no simples fato de subir uma escada, quando levantam o pé mais alto que o necessário, sem a noção exata de profundidade.

² American Psychiatric Association - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 52.

³ https://www.google.com/url?q=https://brainblogger.com/2013/03/02/the-autistic-child-more-than-meets-the-eye/%23:~:text=3DThe%2520most%2520common%2520problems%2520were,unique%2520to%2520the%2520autism%2520community&sa=D&source=docs&ust=1648665184601557&usg=AOvVaw2EMsF_F4MqNB2kLcRG4joa Acesso em: Março de 2022.

Becchio, Mari e Castiello (2010), pesquisadores da Universidade de Pádua (na Itália), também descobriram que a presença de sombras em objetos prejudica o processamento visual em crianças com Autismo. De acordo com sua pesquisa, as crianças com Autismo nomeavam os objetos sem sombra mais rapidamente e objetos com sombra mais lentamente do que as que não têm esse espectro. Eles concluíram que isso se deve ao fato de que, para os autistas, pouca diferença faz se as sombras são congruentes com os objetos ou não, resultado que se apoia no estudo feito por uma psicóloga especializada em Autismo do University College London (no Reino Unido), Uta Frith (1989). Sua teoria é a de que os autistas não interpretam dados visuais se utilizando do contexto em torno do objeto; é como se eles prestassem mais atenção para as partes do que para o todo. Frith ainda completa, dizendo que crianças com Autismo gostam de montar quebra-cabeças, mas que não mostram interesse na figura final.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos que, mediante pesquisas e divulgação de informações, busca proteger a saúde e a segurança do país. O CDC estuda a prevalência e características do Autismo há muitos anos e suas análises indicam um aumento no número de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista. Em 2004 a agência divulgou dados mostrando que 1 a cada 125 pessoas tinha TEA. Em 2012 esse número era de 1 a cada 69. E na última divulgação, feita em 2020, era de 1 a cada 54. Essa pesquisa também apresentou o predomínio de diagnóstico do TEA em meninos - para cada 1 menina com TEA, são 4 meninos com TEA - apesar de não se contar, até o momento, com um estudo concreto que explique essa diferença.

Ainda com relação ao número de autistas, a OMS (2015) - Organização Mundial da Saúde - estima que há cerca de 70 milhões de pessoas diagnosticadas com Autismo no mundo, sendo 2 milhões só no Brasil. Com a intenção de conscientizar e fazer com que as pessoas entendam a importância do diagnóstico e tratamento do transtorno e outros problemas de desenvolvimento mental, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu (2007) o dia 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo (original em inglês: *World Autism Awareness Day*), quando, além das celebrações e eventos públicos, prédios e cartões postais em todo

o mundo são iluminados com a cor azul. No Brasil é o caso do Cristo Redentor, nos Estados Unidos ilumina-se o Empire State Building e a Torre Eiffel na França.

De acordo com o site Autismo e Realidade⁴ há quatro símbolos que estão relacionados ao Autismo: a **cor azul** foi escolhida para representar o grande número de diagnósticos em meninos, que são a maioria dos casos de Autismo, cerca de 80%; o **quebra-cabeça** representa a complexidade do Transtorno do Espectro Autista e foi usado pela primeira vez em 1963, pela entidade norte americana *Autism Speaks*; a **fita de conscientização** foi adotada em 1999 como sinal universal da consciência sobre o Autismo. Constituída por um padrão de quebra-cabeça de cores brilhantes, representa a diversidade de pessoas e famílias que convivem com o TEA e simboliza a esperança de conscientização e acesso a tratamentos apropriados. Também é usada em locais onde pessoas com o Espectro são bem-vindas; o **logotipo da neurodiversidade**, em formato do símbolo do infinito e nas cores do arco-íris, foi criado como uma opção para o quebra-cabeça, e representa a diversidade de expressão dentro do Autismo.

No Brasil existem leis que garantem a proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Sancionada em 2012, a lei Berenice Piana⁵ (12.764/12) determina que os autistas tenham acesso a ações e serviços de saúde, diagnóstico precoce - mesmo que não definitivo – e, também, à educação e ao ensino profissionalizante, por exemplo. Essa lei também iguala a pessoa com Autismo àquelas com deficiência, para todos os efeitos legais, tornando possível sua inclusão no Estatuto da Pessoa com Deficiência⁶.

Já no Rio de Janeiro, o Diário Oficial publicou no dia 18 de Março de 2022, a lei 9.600/22⁷, de autoria da deputada Tia Ju, sancionada pelo governador do estado Claudio Castro. Essa lei estabelece penalidades administrativas às pessoas físicas ou jurídicas e agente públicos que cometerem algum tipo de discriminação - seja ela do tipo distinção, recusa, restrição ou exclusão - contra pessoas com TEA. As multas podem chegar até oito mil reais.

⁴ Instituto PENSI - Autismo e Realidade. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/03/22/os-simbolos-do-autismo/> . Acesso em: Dezembro de 2021.

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm . Acesso em: Março de 2022.

⁶ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm . Acesso em: Março de 2022.

⁷ https://www.migalhas.com.br/arquivos/2022/3/8CF29B692FC43D_lei-autismo-rj.pdf . Acesso em: Março de 2022.

CAPÍTULO 2

História em Quadrinhos (HQ) é uma narrativa gráfica, que em sua forma mais simples, entende-se como a arte de contar história mediante uma sequência de imagens, contendo palavras ou não, geralmente na horizontal. Designadas de arte sequencial, narrativa figurada ou literatura ilustrada, as HQs podem ser encontradas em formato de tirinhas nos jornais, ou em revistas, por exemplo.

Há quem considere, dentre as fontes pesquisadas, *The Yellow Kid* como a primeira história em quadrinhos, datada de 1895. O autor, Richard Outcault, contava as travessuras de um menino que vivia pela periferia de Nova York e usava uma grande camisa amarela. Por ter sido a primeira HQ a utilizar balões de fala, *The Yellow Kid* foi vista como um marco do início da criação de quadrinhos, impulsionando a produção dos mesmos. Vale salientar que já existiam algumas manifestações artísticas que narravam os acontecimentos por intermédio de desenhos, como é o caso da escrita egípcia e as pinturas nas igrejas que retratavam a via sacra, mas sem a integração de texto e imagem. Para Vergueiro (2017), no entanto, as raízes das HQs têm pelo menos cento e oitenta anos, se levarmos em consideração as primeiras criações de Rodolphe Töpffer, artista suíço, que uniam imagens e textos.

Luyten (1987) discorre que, apesar de os quadrinhos terem se tornado conhecidos universalmente, são várias as denominações que essas obras receberam de cada país.

Nos Estados Unidos, o nome *comic strips* (tiras cômicas) está muito vinculado com o conteúdo, isto é, no início de sua popularização, as histórias tinham um caráter predominantemente humorístico e caricaturesco. (...) Na França chama-se *bandes dessinées*, ou seja, bandas (tiras) desenhadas. Mas, na Itália, o nome derivou-se daquilo que é mais característico nos quadrinhos: *fumetti* - fumacinhas, os balõezinhos que saem da boca dos personagens, indicando sua fala. (...) Na América Espanhola, usa-se a palavra "*historieta*", no Japão, *mangá*, e em Portugal, "*histórias aos quadrinhos*". (LUYTEN, p. 10)

No Brasil, as histórias em quadrinhos tiveram início no século XIX no formato de *charge*⁸, por Manuel de Araújo Porto-Alegre⁹. No final dos anos de 1860, Angelo Agostini¹⁰ manteve a tradição de incorporar desenhos com temas irônicos e críticos de cunho político e social, publicando em 1869 “As Aventuras de Nhô Quim” ou “Impressões de Uma Viagem à Corte”, considerada a primeira HQ lançada no Brasil. Em 1960, Ziraldo - cartunista e desenhista brasileiro - lançou, pela revista *O Cruzeiro*¹¹, a revista *Pererê*, vista como a primeira história em quadrinhos a cores e feita por um só autor produzida no Brasil. No mesmo ano, Mauricio de Sousa - um dos mais famosos cartunistas do Brasil - criou a *Turma da Mônica*¹².

Na visão de McCloud (2008), os quadrinhos podem servir como uma ferramenta de comunicação entre os leitores e os artistas. Por meio do design de personagens, expressões faciais e linguagem corporal, o público entende e se importa com aquilo que é contado na história.

Por compreenderem uma vasta gama de temas que atingem um grupo alvo de diferentes faixas etárias e classes sociais, as HQs são dotadas de um alto potencial comunicativo e podem ser utilizadas como um meio de informação.

Em 2001 a Universidade de Harvard (mais antiga e prestigiada Universidade dos Estados Unidos) convidou o Instituto Mauricio de Sousa¹³ para desenvolver um projeto que tinha como propósito educar a população sobre os sintomas do Autismo. Foi assim que, em 2002, o personagem André, que é autista, se juntou à *Turma da Mônica*.

Por meio de uma revista em quadrinhos, “Turma da Mônica – Um Amiguinho Diferente” e seis animações curtas inspiradas nesse personagem, o Instituto buscou mostrar alguns sintomas do transtorno e instruir as pessoas sobre a importância de procurar ajuda médica/profissional e identificar o transtorno logo no início.

Além desse projeto, o Instituto Mauricio de Sousa fez uma parceria (2019) com a Revista Autismo¹⁴ para a criação de um *cartum* com o personagem André, na

⁸ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Charge> . Acesso em: Março de 2022.

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Ara%C3%BAjo_Porto-Alegre . Acesso em: Março de 2022.

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelo_Agostini . Acesso em: Março de 2022.

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Cruzeiro . Acesso em: Março de 2022.

¹² série de histórias em quadrinhos brasileira criada pelo cartunista e empresário Mauricio de Sousa.

¹³ <http://www.institutomauriciodesousa.org.br/sobre-o-instituto-mauricio-de-sousa/> . Acesso em: Março de 2022.

¹⁴ <https://www.canalautismo.com.br/sobre/> . Acesso em: Março de 2022.

intenção de evidenciar alguns aspectos do Transtorno do Espectro Autista. A revista traz histórias exclusivas com a participação do personagem em suas edições desde então.

Em 2013, Ziraldo e os responsáveis pelo site Autismo e Realidade fizeram uma parceria para a criação de uma cartilha¹⁵ que visa ajudar pais, professores e profissionais de saúde na identificação e possível diagnóstico do transtorno do Autismo, tal como suas ações em sala de aula.

Nesta conversa desenhada, queremos falar com vocês, professores, pais, mães e profissionais de saúde, sobre milhares de crianças que estão precisando de sua atenção para começarem a ultrapassar as barreiras do autismo. Como ajudá-las? E como é, na realidade, o autismo? Leia nesta cartilha. (AUTISMO: UMA REALIDADE, p. 25)

¹⁵ https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ziraldo/cartilha_ziraldo_autismo_uma_realidade.pdf . Acesso em: Outubro de 2021.

CAPÍTULO 3

Os quadrinhos têm o potencial de assumir um papel importante na conscientização do TEA. Nas tarefas de roteirizar e ilustrar obras por conta própria ou com o auxílio de terceiros, os autistas podem não apenas compartilhar suas angústias, mas também, de certo modo, superar suas limitações. Ao dialogar com os trabalhos criados por eles, refletindo e questionando as situações vivenciadas ou projetadas, o leitor passa a enxergar a questão com outros olhos. Por conta disso, dentre os gibis integrantes do material pesquisado, destaquei aqueles produzidos por autistas e/ou parentes, amigos e pessoas próximas destes.

3.1. MATERIAIS SELECIONADOS

3.1.1.

Nori e Eu

Neste quadrinho (NINOMIYA, NINOMIYA, 2019), Masanori (Nori) e sua mãe Sonia contam a história da família Ninomiya, cada qual trazendo sua visão acerca de Nori, diagnosticado aos 4 anos de idade como portador de TEA. Sob a orientação artística de Caeto Melo Santos, as ilustrações ficaram a cargo do próprio Nori. No início, Sonia versa sobre ocorrências em sua vida na época em que conheceu seu marido e nos 10 anos de moradia no Japão. Aos poucos, a autora menciona a sua gravidez e expõe a problemática acerca de seu filho que não interagiu e acabou demorando 12 anos para começar a falar. Depois, Nori narra as memórias mais significativas de sua trajetória. Curiosamente, nesta segunda parte do trabalho, o autor resgata fatos históricos no Brasil e no Mundo, numa cronologia bastante rígida, alternando-os aos eventos que dizem respeito à sua difícil jornada. Em preto e branco, o traçado lembra os desenhos japoneses ou, mais especificamente, mangás (fig. 1). De modo proposital ou não, a escolha do contraste bem marcado por vezes parece contribuir para amplificar o efeito dramático de suas dificuldades antes do diagnóstico e as questões familiares enfrentadas durante o processo. Em entrevistas e depoimentos encontrados na Internet da dupla, nota-se que a janela para Nori prosseguir se desenvolvendo no campo da expressão gráfica permanece aberta. Para que se tenha uma melhor ideia da relevância e da visibilidade alcançada pelo projeto, é importante saber que o livro também foi publicado na França em janeiro de 2021 pela editora

Dunod e tem recebido várias avaliações positivas em sites como Amazon e FNAC do país.



Figura 1. Página 6 do livro “Nori e Eu” (versão francesa)

3.1.2.

A diferença invisível

Julie Dachez é uma psicóloga social francesa, a qual descobriu portar a Síndrome de Asperger aos 27 anos. O diagnóstico, embora tardio, permitiu que ela desenvolvesse um pensamento crítico capaz de alterar de modo positivo a percepção de suas diferenças em relação aos outros.

Com a coparticipação da ilustradora e desenhista Mademoiselle Caroline, Dachez publicou uma história em quadrinhos denominada “A diferença invisível” (CAROLINE, DACHEZ, 2017) que conta a trajetória de Marguerite. A jovem protagonista relata diversas situações pelas quais passou antes de descobrir que tinha autismo e todo o seu processo de descoberta e autoconhecimento após o diagnóstico, um espelho da vida da própria autora. A história começa em tons acinzentados (fig.2), porém, à medida que se desenvolve, novas cores vão surgindo. Antes do diagnóstico, a cor vermelha (fig.3) é usada para demonstrar o desconforto da personagem em diversas situações, em interações com colegas de trabalho e reuniões com os amigos do namorado, por exemplo. Após o diagnóstico de Asperger, o vermelho dá lugar ao azul (fig.4), transmitindo uma sensação de tranquilidade e calma. Ao término, quando Marguerite descobre mais sobre si mesma e eleva a sua autoestima, as cores verde e amarelo tendem a aparecer com maior frequência (fig.5). Além dos livros, Julie leciona, dá palestras e mantém um blog denominado “Émoiémoiemmoi” (DACHEZ, 2012), no qual conta sobre sua vida e ensina sobre a Síndrome de Asperger.



Figura 2. Predominância da cor cinza em “A diferença invisível” (página 9)



Figura 3. Predominância da cor vermelha em “A diferença invisível” (página 15)



Figura 4. Predominância da cor azul em “A diferença invisível” (página 162)



Figura 5. Verde e amarelo aparecem mais em “A diferença invisível” (página 170)

3.1.3.

Humor Azul

O cartunista e escritor Rodrigo Tramonte nasceu em Santa Catarina e só foi diagnosticado com Asperger aos 31 anos de idade, graças à ajuda de uma amiga fonoaudióloga do Instituto Catarinense de Ensino Especial, que trabalhava com crianças e adolescentes autistas e notou traços da síndrome no amigo. Em seu

livro denominado “Humor Azul - O Lado Engraçado do Autismo”, Tramonte (2015) mostra a rotina de seu personagem principal, o Zé Azul, e de seus amigos. O autor é quem ilustra o livro, utilizando traços cartunescos em seus desenhos. Ao contrário dos outros dois trabalhos previamente mencionados, ambos com uma carga superior de dramaticidade, a obra de Rodrigo é leve, ágil e bem humorada. Cada página traz uma tirinha completa e fechada, onde a ordem das páginas não importa para a compreensão das partes. As situações são típicas e talvez resgatem algumas memórias do autor (figs.6 e 7). A obra foi patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura e Fundação Franklin Cascaes, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura e viabilizado pela ONG Projeto Autonomia¹⁶.



Figura 6. Exemplo da característica de hiperfoco em “Humor Azul” (página 53)

¹⁶ <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=15986> . Acesso em: Dezembro de 2021.



Figura 7. Exemplo do apego à rotina em “Humor Azul” (página 79)

3.1.4.

Fala, Maria

Neste livro (FERNÁNDEZ, 2020), Bernardo Fernández (Bef), cartunista e romancista mexicano, faz um relato pessoal sobre como ele e sua esposa Rebeca descobriram o autismo de sua filha Maria. Do seu ponto de vista, Bef narra seu processo de aceitação frente ao diagnóstico de sua filha, expondo seus medos e inseguranças. Do outro lado, Maria, com uma voz imaginada por seu pai, conta seu modo de viver e aproveitar a vida. No primeiro momento da história, tons de azul e cinza são predominantes em cada quadro, refletindo todo o caminho de descoberta, busca por respostas, desânimo e tristeza. *“Tudo está em azul monocromático pensando nas cores que estão relacionadas ao autismo e, também, porque achei que lhe dava um ar muito melancólico.”*, esclareceu Bef durante uma entrevista a uma revista mexicana (Mexico.com, 2019). Na outra parte da história, os pais de Maria encontram o apoio necessário em um Instituto

de Autismo e em um médico, e esse novo panorama, de esperança, é representado por mais cores nos quadrinhos, com um tom alaranjado forte em destaque e uma paleta vibrante.

3.1.5.

Relatos Azuis

Fulvio Pacheco é um quadrinista paranaense e relata sua experiência com seu filho Murilo, que é autista. Após alguns meses, durante o tratamento do seu filho, Fulvio foi diagnosticado com Síndrome de Asperger, que percebeu em si algumas dificuldades que Murilo também apresentava. Nessa revista autobiográfica (PACHECO, 2016), o autor apresenta informações importantes sobre o autismo, além de trazer uma relação de artistas autistas, como é o caso de Michelangelo - pintor italiano; Tim Burton - famoso diretor e cineasta; e Lewis Carrol - autor de "*Alice no país das maravilhas*". Algo similar aparece em um trecho da obra previamente examinada de Julie Dachez e Mademoiselle Caroline, com referências a Temple Grandin - psicóloga e zootecnista; Susan Boyle – cantora; Josef Schovanec - filósofo, escritor e tradutor; Dan Aykroyd e Daryl Hannah – respectivamente ator e atriz. Em seus quadrinhos há a prevalência de tons de azul - não somente por esta cor estar relacionada ao transtorno, como já explicado no desenvolvimento desta monografia, mas também por ser a cor favorita do autor - e uma outra pequena parte recebe a cor rosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Materiais gráficos têm sido produzidos para educar e conscientizar a sociedade acerca da questão do autismo. Dentre eles, encontramos cartilhas, tais como a obra de Ziraldo mencionada no capítulo 2 deste trabalho, além de variantes que visam informar sobre as principais características do distúrbio: dificuldades de comunicação, comportamento e interação social. Cumpre ressaltar que desde a sua primeira definição em 1943 até os dias de hoje, o conceito de autismo tem sido ampliado no sentido de abarcar seus diversos graus de acometimento. Neste sentido, embora nem mesmo os especialistas tenham respostas para todas as questões envolvidas, a divulgação de seus princípios fundamentais é tão válida quanto necessária.

Os autores dos gibis examinados buscam expressar suas dificuldades enfrentadas antes, durante e depois do percurso na busca por um diagnóstico. Paralelamente, eles procuram educar os leitores mostrando “como é ser autista” e, por vezes, almejam que todos os valorizem e os respeitem tanto quanto os neurotípicos - aqueles que não apresentam problemas de desenvolvimento neurológico. A utilização dos quadrinhos por parte dos autistas, como um meio para narrar suas vivências, se ancora na hipótese de que muitas pessoas que portam a síndrome pensam e aprendem de modo visual. Embora existam trabalhos em HQs sofisticados que, por vezes exigem graus elevados de maturidade e/ou testam os limites das funções cognitivas superiores, o emprego de desenhos tem o potencial de auxiliar a comunicação dos autores sobre os seus desafios recorrentes. Em outras palavras, parece tratar-se de uma alternativa eficaz de aproximação ao leitor, um convite para que ele participe de sua narrativa. Ao colocar-se no lugar do protagonista, o observador atento liberta-se do preconceito e toma consciência de características, angústias, limitações e até mesmo potencialidades desconhecidas deste grupo de indivíduos.

Por ser uma linguagem gráfica que se disseminou e consolidou entre a população como comunicação, o uso dos quadrinhos em obras literárias que abordam vivências e assuntos relacionados ao TEA contribui para ampliar o conhecimento sobre o autismo e promover a inclusão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BECCHIO, C; MARI, M; CASTIELLO, U. (2010). **Perception of Shadows in Children with Autism Spectrum Disorders**. PLoS ONE 5(5): e10582. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0010582>

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em: 13 de Março de 2022.

_____. Congresso Nacional. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em: 13 de Março de 2022.

_____. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. **Lei nº 9.600, de 18 de março de 2022**. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/arquivos/2022/3/8CF29B692FC43D_lei-autismo-rj.pdf Acesso em: 25 de Março de 2022.

CARDOSO, Athos Eichler. **As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883/ Angelo Agostini**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

CAROLINE, M; DACHEZ, J. **A diferença invisível**. São Paulo, SP: Nemo, 2017.

CHARGE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Charge&oldid=59441867>>. Acesso em: 12 de Março de 2022.

DACHEZ, J. **Émoiémoiémoi**, 2012. Disponível em:

<http://emoiemoietmoi.over-blog.com/> Acesso em: 9 de agosto de 2021.

FERNÁNDEZ, B. **Fala, Maria: um romance gráfico sobre o autismo**. São José, SC: Skript Editora, 2020.

FRITH, U. **Autism: Explaining the Enigma**. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1989.

GRANDIN, T. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2015.

HABLA MARIA, LA NOVELA GRAFICA SOBRE AUTISMO QUE NECESITAS LEER. Mexico.com, 2019. Disponível em: https://www.mexico.com/hecho-en-mexico/habla-maria-la-novela-grafica-sobre-autismo-que-necesitas-leer/?utm_source=twitter%20. Acesso em: 20 de Março de 2022.

LIVRO SOBRE AUTISMO UNE HUMOR E INFORMAÇÃO. Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=15986> Acesso em: 20 de Março de 2022.

LUYTEN, S. M. B. **O que é história em quadrinhos?** São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1987.

MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Manuel_de_Ara%C3%BAjo_Porto-Alegre&oldid=62717230>. Acesso em: 12 de Março de 2022.

McCLOUD, S. **Desenhando Quadrinhos/Scott McCloud**. São Paulo, SP: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

NINOMIYA, S; NINOMIYA, M. **Nori e eu**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2019.

O CRUZEIRO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O_Cruzeiro&oldid=62450024>. Acesso em: 12 de Março de 2022.

OS SÍMBOLOS DO AUTISMO. Autismo e realidade, 2019. Disponível em:

<https://autismoerealidade.org.br/2019/03/22/os-simbolos-do-autismo/> Acesso em: 18 de Dezembro de 2021.

PACHECO, F. **Relatos Azuis**. Curitiba, PR: Ursereia, 2016.

PERERÊ. Rio de Janeiro: Cruzeiro. Edição 2, maio 1962.

SOBRE. Canal Autismo, 2010. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/sobre/> Acesso em: 10 de Março de 2022.

SOBRE O INSTITUTO. Instituto Mauricio de Sousa, 1997. Disponível em: <http://www.institutomauriciodesousa.org.br/sobre-o-instituto-mauricio-de-sousa/> Acesso em: 10 de Março de 2022.

SOUSA, M. de. **Turma da Mônica: um amiguinho diferente**. São Paulo, SP: Ed. Instituto Cultural Mauricio de Sousa, 2003.

TRAMONTE, R. **Humor Azul**. Florianópolis, SC: Tramonteiro, 2015.

VERGUEIRO, W. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo, SP: Criativo, 2017.

WING, L. **Asperger's syndrome: a clinical account**. Psychological Medicine; v. 11, p. 115-29, fev. 1981.

ZIRALDO; LUIS GUSTAVO; MENDES, Miguel; MARCO; FERREIRA, Fábio. **Autismo: uma realidade**. São Paulo: Megatério estúdio, 2013.

